

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

STEPHANI MACHADO DE OLIVEIRA

**CINEMA, CULTURA E GEOGRAFIA: A CONSTRUÇÃO CULTURAL E ESPACIAL
DOS FILMES RIO E RIO 2**

Sorocaba

2026

STEPHANI MACHADO DE OLIVEIRA

**CINEMA, CULTURA E GEOGRAFIA: A CONSTRUÇÃO CULTURAL E ESPACIAL
DOS FILMES RIO E RIO 2**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Geografia para a
obtenção do título de Licenciada em
Geografia pela Universidade Federal de
São Carlos.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Neusa de Fátima
Mariano

Sorocaba

2026

Oliveira, Stephani Machado de

Cinema, cultura e geografia: A construção cultural e espacial dos filmes Rio e Rio 2 / Stephani Machado de Oliveira -- 2026.

44f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Neusa de Fátima Mariano

Banca Examinadora: Neusa de Fátima Mariano, Geraldo Tadeu Souza, Thífani Postali Jacinto

Bibliografia

1. Representações espaciais. 2. Educação geográfica. 3. Cinema. I. Oliveira, Stephani Machado de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de TCC da
aluna Stephani Machado de Oliveira, realizada em 18/06/2026:

Prof.^a Dr.^a Neusa de Fátima Mariano
Universidade Federal de São Carlos

Prof.^a Dr.^a Thífani Postali Jacinto
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza
Universidade Federal de São Carlos

Dedico este trabalho a todos aqueles que se permitem enxergar o mundo antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente, pelas telas, pelos livros, pelas músicas e pelas paisagens imaginadas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que tem me acompanhado e guiado meu caminho até aqui.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Neusa de Fátima Mariano, pela atenção, dedicação e cuidado com que conduziu minhas orientações, oferecendo todo suporte necessário até que eu finalizasse o trabalho.

À minha mãe e ao meu padrasto (pai) que tiveram paciência e trabalharam duro para me ajudar a conquistar meus objetivos, inclusive, para que eu completasse o ensino superior.

Ao meu namorado, Igor, que me incentivou a dar o melhor de mim.

À minha irmã e aos amigos que fiz durante a graduação, que, com uma amizade sincera, tornaram a rotina de estudos mais leve e especial.

Ao meu saudoso avô que nos momentos em que eu me sentia aflita com os estudos, sempre buscava me ajudar.

À minha avó, pelo carinho demonstrado nos pequenos gestos, especialmente pelos cafés da tarde.

Agradeço, por fim, a todos que me apoiaram nessa trajetória acadêmica.

RESUMO

Partindo do uso do cinema como recurso didático em sala de aula, destaca-se o esforço em romper com o processo tradicional de ensino nas escolas, exigindo que a educação passe a utilizar recursos vinculados à realidade do aluno, como as produções cinematográficas que estenderam seu alcance de forma expressiva. A produção imagética, com sua influência na indústria midiática, por vezes busca representar o mundo real por meio de alguma obra fílmica, desse modo, surge o compromisso em analisar as narrativas criadas através de uma leitura crítica, principalmente, se usadas como ferramenta de ensino-aprendizagem. Esta pesquisa busca analisar de que forma os filmes *Rio* e *Rio 2*, contribuem para compreender as percepções espaciais e culturais de regiões específicas do território brasileiro. Ou seja, o objetivo geral está em compreender se e como esses filmes podem ser considerados como recurso didático-pedagógico para o ensino da Geografia. A partir dessa questão, tem-se como objetivos específicos a análise da narrativa desenvolvida bem como da representação dos espaços e da cultura brasileira presentes no filme. A interação com as duas obras permite que se faça diversas observações no campo geográfico, como a relação homem-natureza, os processos e efeitos da urbanização, as questões sociais, a biodiversidade, a preservação ambiental e outros fenômenos espaciais relevantes estudados pela Geografia. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise crítica das narrativas dos filmes *Rio* e *Rio 2*. Foram selecionadas cenas relacionadas a temas geográficos para avaliar seu potencial como recurso didático no ensino de Geografia. As representações presentes nas narrativas ampliam a compreensão por meio da interpretação das imagens e contribuem para a análise crítica dos estereótipos sobre o Brasil, reconhecendo o cinema como uma indústria orientada por interesses capitalistas. Nesse estudo, constata-se que a utilização do cinema como uma ferramenta de ensino-aprendizagem viabiliza a produção de reflexões e permite o exercício de críticas sobre os filmes nas instituições de ensino, onde promovem não só um olhar crítico sobre a realidade, mas sobre o espaço na perspectiva geográfica.

Palavras-chave: Geografia; Leitura crítica; Cinema; Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

Starting from the use of cinema as a teaching resource in the classroom, this study highlights the effort to move beyond traditional teaching practices in schools, emphasizing the need for education to adopt resources connected to students' realities, such as cinematic productions, whose reach has expanded significantly. Image production, influenced by the media industry, sometimes seeks to represent the real world through film; therefore, there arises a commitment to analyze the narratives created through critical reading, especially when they are used as teaching and learning tools. This research seeks to analyze how the films *Rio* and *Rio 2* contribute to understanding the spatial and cultural perceptions of specific regions within Brazilian territory. In other words, the general objective is to understand whether and how these films can be considered didactic and pedagogical resources for the teaching of Geography. Based on this question, the specific objectives include analyzing the narratives developed in the films, as well as their representations of Brazilian spaces and culture. Engagement with both films allows for several observations within the field of Geography, including the human–nature relationship, the processes and effects of urbanization, social issues, biodiversity, environmental preservation, and other relevant spatial phenomena studied by Geography. The research adopts a qualitative approach, grounded in a literature review and a critical analysis of the narratives of *Rio* and *Rio 2*. Scenes related to geographical themes were selected in order to evaluate their potential as teaching resources in Geography education. The representations found in the narratives broaden understanding through the interpretation of images and contribute to a critical analysis of stereotypes about Brazil, while recognizing cinema as an industry driven by capitalist interests. This study concludes that the use of cinema as a teaching and learning tool enables reflection and encourages critical analysis of films in educational institutions, promoting not only a critical perspective on reality, but also on space from a geographical perspective.

Keywords: Geography, Critical reading, Cinema, Teaching and learning .

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Pôster do filme Rio (2011).....	27
FIGURA 2 - Representação da favela no filme Rio	30
FIGURA 3 - Pôster do filme Rio 2 (2014).....	33
FIGURA 4 - Representação do desmatamento na Amazônia pelo filme Rio 2.....	36

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	- Principais portões de entrada no Brasil -	
2026.....		28

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
INTRODUÇÃO.....	12
1. CINEMA E EDUCAÇÃO: BASE TEÓRICA PARA A COMPREENSÃO DAS POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DAS REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS EM SALA DE AULA.....	17
2. ANÁLISE DO FILME: RIO.....	25
3. ANÁLISE DO FILME: RIO 2.....	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

Ainda me lembro da música tocando quando meus olhos encontraram os seus: “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, ela, menina, que vem e que passa...”

— Rafael, em Rio (2011)

A fala do tucano Rafael, personagem secundário do filme Rio (2011), que aparece como epígrafe, expressa um sentimento e traz uma canção brasileira conhecida, “Garota de Ipanema”, que foi composta por Tom Jobim e Vinicius de Moraes na década de 1960. A amostra dessa música no filme, que discorre sobre uma mulher carioca, pode transparecer que se trata apenas de uma produção musical da Bossa Nova que se popularizou, mas quando se refina a análise da música escolhida, compreende-se que há um processo implícito de estereótipos. A partir da revelação da inspiradora de *Garota de Ipanema*, foi criado, instado e de certo modo canonizado um modelo de beleza carioca. (Sacramento, 2016). A tentativa de demonstrar a realidade brasileira a partir de filmes, com diversos elementos culturais, como a música, exige do espectador um olhar aguçado sobre a verdade, impedindo uma visão reducionista e estereotipada da vida do brasileiro.

Entende-se que a animação a ser analisada possui um enredo conectado com os acontecimentos da realidade, porém existe o arcabouço fictício, onde os animais assumem comportamentos e consciência como os humanos. Portanto, ela é uma construção similar e não um parâmetro concreto, possibilitando o exercício de comparações e críticas ao roteiro que se ampara na realidade. Não obstante, não interfere na compreensão da obra e pode servir como um campo de investigação, de modo a reforçar um olhar geograficamente crítico.

O cinema é uma ferramenta comunicativa que vai além do entretenimento, o conteúdo fílmico transmite uma mensagem e um significado que pode contribuir para diferentes áreas do conhecimento, como é o caso da Geografia. Para Jesus (2025), compreender as mudanças sociais causadas pela fase pós-moderna, é pensar na produção industrial de bens culturais como uma nova forma de perceber o mundo, atuar politicamente e refletir sobre a realidade. Esse recurso, portanto, tem o poder de conectar o espectador com as diferentes realidades que existem no

mundo e com isso, trazer as diferentes culturas, tradições e costumes de outros lugares para “perto”. Segundo Araújo (2010), é por meio do cinema que podemos vislumbrar o desenvolvimento dos movimentos transnacionais da história e assim, compreender novas sínteses e novas diversidades. Por outro lado, conforme Postali (2011, p. 74), para atender ao modelo capitalista a indústria de entretenimento acaba por fazer uma adaptação do produto. A imagem cinematográfica é uma forma de expressar e comunicar algo que vislumbra o “real”, mas é importante pensar que um meio tão influente, não há de ser neutro. Campos (2006) ressalta que esses produtores nem sempre estão interessados naquilo que é verdade. A influência da produção cinematográfica é expressiva e por isso, é necessário se atentar ao papel ideológico que ela pode difundir na sociedade. É certo que o cinema pode remodelar o que é real, como uma nova versão que atende a interesses primordiais, mas é através dela que é possível tentar fazer a aproximação com o que é de fato, do mundo real.

De acordo com Cousin (2012, p. 66-67):

O cinema desde a sua criação incorpora aspectos do real e transmite suas influências transformando esse real, e novamente incorporando essas transformações para transformar novamente o mundo e seu próprio conceito. O cinema desde o final do século XIX e início do século XX, até os dias de hoje é sujeito de morfogênese espacial transformando e sendo transformado [...]. Está em Platão e o seu (nosso) Mito da Caverna, onde os homens da caverna podiam somente enxergar sombras de si mesmo, e outras imagens “tremeluzindo” diante dos seus olhos, esta era a realidade deles [...]. A partir dessa ideia, acredito na significação do cinema na educação. As imagens vistas na tela são as sombras, não a realidade, mas através delas podemos atingir a realidade e tentar ações que mudem o nosso cotidiano.

A discussão desenvolvida através dessa narrativa, vai partir da análise esmiuçada dos filmes *Rio* e *Rio 2*¹, que constituem o objeto de estudo deste presente trabalho, e podem contribuir para o ensino da geografia, permitindo reflexões sobre como esse recurso audiovisual pode ser incluído nas práticas pedagógicas. Os filmes narram contextos geográficos e culturais brasileiros, ambientados, respectivamente, no Rio de Janeiro e na Amazônia. O primeiro filme da duologia narra a história de uma arara azul (macho de sua espécie) chamada Blu, que foi resgatada e domesticada por Linda após ser capturada por

¹ *Rio* (2011) e *Rio 2* (2014) são filmes de animação dirigidos por Carlos Saldanha que retratam aspectos culturais e naturais do Brasil, especialmente do Rio de Janeiro e da Amazônia.

contrabandistas de animais. Para salvar sua espécie que estava ameaçada de extinção, Blu e sua tutora vão se aventurar no Rio de Janeiro para encontrar a outra arara azul (Jade) como tentativa de perpetuar a espécie. Com seus filhotes, Blu e Jade, no segundo filme, viajam até a região Norte do país, especificamente a Amazônia, para encontrar e conhecer outras aves de sua espécie, mas enfrentam diversos problemas nesse novo ambiente, que é desconhecido para o protagonista.

Para justificar esse estudo, considera-se a influência da linguagem cinematográfica como um recurso mais atrativo para as crianças e adolescentes. Além de pensar estrategicamente em uma realidade de entretenimento presente no dia a dia dos estudantes, a aula torna-se dinâmica e desvinculada dos métodos tradicionais de ensino.

Neste trabalho, os principais levantamentos serão pautados de acordo com os temas mais relevantes e que estrategicamente poderiam ser aproveitados no processo de ensino-aprendizagem.

O objetivo geral está em compreender se e como os filmes Rio e Rio 2 podem ser considerados como recurso didático-pedagógico para o ensino da Geografia. A partir dessa questão, tem-se como objetivos específicos a análise da narrativa desenvolvida bem como da representação dos espaços e da cultura brasileira presentes no filme. Além disso, pretende-se elaborar criticamente uma leitura que possibilite verificar de que modo as obras visuais tentam representar a realidade. Nessa lógica, torna-se possível identificar e dialogar sobre as cenas relevantes para o estudo geográfico e também verificar a forma como o cinema deve ser utilizado a partir das intencionalidades educacionais durante esse processo.

Desse modo, é possível afirmar que o cinema contribui com o ensino da geografia em sala de aula sem deixar que sejam reféns das representações meramente fictícias e idealizadas por discursos hegemônicos?

O presente trabalho segue a abordagem qualitativa e necessita de pesquisas bibliográficas aprofundadas que fomentem as discussões geográficas, culturais e cinematográficas. Outrossim, a consistência interna da análise é baseada não só através da observação dos conteúdos fílmicos, mas também, sob ótica interpretativa e crítica, em concordância com as potencialidades educativas desse recurso em sala de aula.

A partir da visualização sistemática das obras cinematográficas em questão e compreendendo o desenrolar das narrativas fílmicas, em especial, das cenas que estejam alinhadas com temas e conceitos relevantes na Geografia, torna-se factível a realização de uma argumentação crítica sobre o enredo, situando-o em uma abordagem educativa pensada nas aulas da Geografia. Sendo assim, foram definidos recortes específicos que dialogam com temáticas geográficas e organizados conforme a ordem cronológica que aparecem nos filmes, para possibilitar um entendimento maior do desenvolvimento fílmico. Para auxiliar nessa análise, foram selecionadas algumas imagens que capturam momentos geográficos pertinentes para a observação geral das paisagens representadas por ambos os filmes

Foram, então, selecionadas duas produções fílmicas que alinham-se com o olhar sobre o território brasileiro, pensado nacional e internacionalmente, dado que o diretor, Carlos Saldanha, é de nacionalidade brasileira e a produção em si é estadunidense. Por se tratar de uma análise visual, ao longo dessa pesquisa foram extraídas imagens das cenas que possam contribuir para reflexão de temas que vão ser norteadores do conhecimento geográfico e como se dá sua aplicação nas aulas de Geografia. Dessa maneira, de acordo com os temas que envolvem a narrativa, como a cultura, as representações paisagísticas e toda dinâmica envolvida nas relações sociais e de usos do espaço, o cinema pode ser uma alternativa metodológica viável nas redes de ensino.

A fundamentação teórica contará com diversos autores, como o geógrafo Milton Santos, alinhado aos conceitos geográficos que podem surgir na narrativa dos filmes e na discussão do cinema propriamente dito, com apontamentos sobre a força que as mídias possuem no mundo globalizado. Thífani Postali, direciona seu estudo à compreensão crítica sobre o uso do cinema. Enquanto isso, Marcelo Cousin e Janio Roque Barros de Castro se debruçam para discutir a potencialidade da linguagem cinematográfica no campo educativo. Autores como Rogério Haesbaert, Paul Claval e Roberto Lobato Corrêa, aparecem nos capítulos 2 e 3, permitindo o aprofundamento na análise dos filmes selecionados, entendendo de que maneira ocorrem as representações espaciais, as noções de identidade e de práticas culturais.

Dessa forma, espera-se que as discussões suscitadas pelas narrativas fílmicas possam favorecer o ensino geográfico, promovendo reflexões sobre as

possibilidades pedagógicas do cinema na formação crítica e cultural dos estudantes, reforçando uma utilização consciente e intenções educacionais que firmam o protagonismo e aprendizagem sólida do aluno.

Os recursos informacionais e comunicacionais da atualidade, para Castro (2012, p.51), são ferramentas que podem ser utilizadas nos espaços educacionais, podendo contribuir com a análise de práticas sociais e culturais de povos distintos. Ele discute as possibilidades do uso de filmes nas aulas de Geografia para os ciclos Fundamental e Médio, partindo de questões culturais, mas sem deixar de lado a importância de questionar as seleções de temáticas, devido às produções tidas como eurocêntricas e estadunidenses. Pensando na geografia, existe uma complexidade na compreensão das transformações no espaço geográfico e quando existe a possibilidade de redirecionar esse conhecimento através de lentes, também há nuances a serem consideradas, como a manipulação de informações. Para Santos (2000) a informação é um dos pilares da globalização e por meio dela, torna-se factível o controle pelos agentes dominantes, que partem de interesses próprios, vinculados ao sistema capitalista.

O capítulo 1, intitulado *Cinema e Educação: Base teórica para a compreensão das potencialidades e fragilidades das representações cinematográficas em sala de aula*, está focado na fundamentação teórica que discorre sobre o uso da ferramenta cinematográfica para o ensino-aprendizagem, percorrendo autores que demonstram cautela ao usar esses recursos devido a sua força e influência midiática, bem como aqueles que os apontam como um mecanismo capaz de aguçar o olhar crítico para compreender as reentrâncias das representações desenvolvidas por filmes. Esse capítulo, desse modo, discute detidamente o uso do recurso cinematográfico, contemplando sua capacidade de reproduzir as estruturas capitalistas, mas de, ao mesmo tempo, servir para a construção de leituras críticas sobre a realidade.

No capítulo 2, *Análise do Filme: Rio*, é apresentado a análise deste primeiro filme lançado em 2011, relacionando aos conceitos geográficos e a autores que contribuem para a análise da narrativa e sua tentativa de representar a realidade daquela região brasileira. Da mesma forma o capítulo 3, *Análise do Filme: Rio 2*, com lançamento posterior, no ano de 2014, que também seguirá a análise, conforme foi realizado no segundo capítulo. Além disso, é nos capítulos 2 e 3 que

as figuras vão ser utilizadas e a discussão será direcionada às narrativas e desenvolvimento dos filmes.

A intenção é aproximar os conteúdos geográficos com essa ferramenta do cotidiano, compreendendo-os através de imaginários sociais sobre o espaço e as representações, mas sem deixar de comparar com o que é real, de fato. Isto é, compreendendo que há estereotipização das pessoas e dos lugares para chamar atenção dos espectadores.

1. CINEMA E EDUCAÇÃO: BASE TEÓRICA PARA A COMPREENSÃO DAS POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DAS REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS EM SALA DE AULA

A superação do modelo tradicional de ensino segue sendo um tópico essencial nas discussões do campo educacional. Para o ensino da disciplina da Geografia, Leite, Sá e Filho (2020) reforçam a importância das escolas passarem a buscar novas formas de ensino e aprendizagem, onde os alunos possam estar motivados a descobrir o espaço em que vivem de forma reflexiva, social e também política. Ferramentas tecnológicas estão sendo aliadas na educação, sendo um mecanismo possível de interação e aprendizado, pois conforme Fernandes *et al* (2023., p.3), “recursos tecnológicos na educação possuem diversas facetas, desde ferramentas de colaboração *online* até jogos educativos e recursos audiovisuais”.

Não se trata de ceder a uma estratégia dotada do capitalismo e da política neoliberal, mas de repensar e reconstruir o papel dado a essa ferramenta, ou seja, compreende-se que há fundamentalmente interesses hegemônicos de controle social sobre diferentes meios de comunicação, mas existe a outra faceta criada a partir disso, a da resistência e a da crítica, transformando o uso dessas tecnologias. “Propor a mídia radical, contra-hegemônica é, portanto, um ato de redefinição e reorientação dos processos comunicativos tanto nos aspectos conceituais e operacionais quanto nas implicações sociais que possuem” (Citelli, 2005, p.73).

Criado no final do século XIX, o cinematógrafo deu luz a todo complexo cinematográfico que existe hoje. Com o passar do tempo, o cinema foi se transformando na era digital, a própria sociedade é movida por meios de

comunicação e principalmente, por mecanismos visuais que entretêm de alguma forma. Para Neves (2010, p.137):

Atualmente vivenciamos o “boom” da linguagem visual e da sociedade imagética, em que a percepção se volta cada vez mais para as propriedades retinianas [...] Através desta tendência de valorização dos estímulos visuais, o ensino não tem outra saída, senão abordar esta questão como forma de, não só atrair os estudantes para questões contemporâneas, mas também aprofundar os processos de conhecimento crítico em relação à lógica imagética da sociedade.

O ato de ensinar não pode ser reduzido somente à transmissão de informações pelo professor, e o aluno não deve ocupar o papel de receptor passivo daquela informação que foi repassada. Paulo Freire (1921-1997) é um dos pedagogos que discute essa premissa e colabora com a crítica aos métodos tradicionais de ensino e práticas mecanicistas, argumentando que o conhecimento é construído de forma coletiva e deve ser fundamentado a partir da autonomia do aluno nesse processo. Rocha, Montovani e Costa (2017) reforçam esse posicionamento da seguinte forma:

O método tradicionalista de ensino que prima pelo modelo vertical, onde o professor é o detentor do conhecimento e o estudante mero receptor de saberes pré-estabelecidos, vem sendo substituído por muitos educadores ao incrementar suas aulas com metodologias onde os alunos são convidados e incentivados a participar do processo de desenvolvimento do saber, pois é do conhecimento dos profissionais da educação, que seus métodos de ensino precisam ser constantemente repensados e adequados à necessidade do aluno.

No caso do cinema, além da escolha coerente do filme a ser utilizado em sala de aula, esse recurso deve vir acompanhado de um intermediador do conhecimento e de um pensamento crítico sobre o conteúdo. Cousin (2011) reconhece a potencialidade do cinema como ferramenta didática capaz de contribuir no ensino da geografia, mas reforça o cuidado com as ideologias envolvidas nesse meio de comunicação. A partir de sua análise sobre a ferramenta e sua utilização em sala de aula, ele também conclui que se não for usada da forma adequada, pode ser ineficiente, mesmo assim, acredita no potencial de se ensinar e de se aprender Geografia por meio desse recurso didático, desde que haja planejamento, orientações pelos educadores e aproximação com a realidade do aluno. Além disso,

ele amplia seu pensamento destacando que o cinema pode ser interpretado como uma janela para o mundo.

Sob essa perspectiva, esses três parâmetros de análise deste recurso são indissociáveis, a escolha adequada do filme, o papel do intermediador e o pensamento crítico alinhado com a realidade. Caso um desses apontamentos seja facultativo, no momento de aplicação dos filmes em sala de aula, essa ferramenta comunicacional, pode vir a ser um aparato ideológico que prejudique o aprendizado do aluno. Conforme estabelecido pelos autores Rocha, Montovani e Costa (2017):

[...] o uso do cinema pode auxiliar na compreensão de culturas exóticas e lugares distantes, bem como a sociedade e costumes locais, vivenciados pelos alunos, pois muitos filmes se inspiram na realidade para realizar sua ficção, mas um grande erro seria aceitar a representação cinematográfica sem questionamentos e análise crítica.

A comunicação pelas plataformas digitais de cinema, por exemplo, é de maneira geral, uma normalidade embutida na rotina diária do ser humano e se prestar atenção, além do entretenimento, há significado naquilo que se assiste. “Ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (Duarte, 2007, p. 4)

Os recursos tecnológicos disponíveis devem ser usufruídos com o acompanhamento e preparo dos professores. Silva (2018) esclarece que a revolução tecnológica trouxe uma imensidão de possibilidades e oportunidades na sala de aula, mas ressalta que os professores precisam estar capacitados para essas aplicações.

Com o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) novas habilidades e ferramentas se disseminaram na sociedade, seja em setores econômicos, na área da saúde ou até mesmo nas redes de entretenimento. Sendo assim, o campo educacional não foge à regra. Consoante a Silva (2018) as tecnologias estão presentes em todo mundo e é através da comunicação que podemos resgatar fatos, transmitir emoções e expressar ideias.

As TICs, quando aplicadas, promovem a participação ativa dos alunos, aprimorando o processo de ensino-aprendizagem. Tendo como parâmetro as aulas de Geografia, Rauber (2014) afirma que os recursos tecnológicos do cotidiano podem e devem ser inseridos nas práticas educacionais, visto que existe uma

atração que os mesmos exercem sobre os alunos. Além disso, argumenta que as TICs tornam possível a construção e desconstrução dos conceitos que evidenciam sentidos e fomentem a criticidades dos envolvidos. A utilização de filmes é uma forma de comunicação e expressão, portanto, está inserido nas aplicações das TICs, bem como, a internet, o rádio, os televisores, dispositivos móveis e etc. A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) concorda com estes termos, segundo suas diretrizes:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018).

Pensar no comprometimento com a qualidade de ensino é também dialogar com o acesso aos recursos e com o preparo do educador em administrá-lo. Para Chiapetti e Freitas (2019), a educação do Brasil é por tantas vezes sucateada e implica não só as questões da falta de recursos financeiros e recursos básicos nas escolas, mas também a deficiência na formação profissional dos professores. Ainda assim, a grande maioria da população vive em um contexto em que a mídia e as diferentes ferramentas de comunicação estão presentes no cotidiano da sociedade. Castells (1999) conduz seu debate a partir do conceito “sociedade em rede”, onde levanta questões sobre como a configuração espacial está integrada na era da informação e como isso reflete nas dinâmicas sociais, visto que a situação de ‘exclusão digital’, mencionada pelo autor, também faz parte dessa ótica digital que molda os espaços.

Para compreender a força que o cinema tem no campo informacional, Milton Santos (2000) discute o conceito de globalização, que estabelece uma relação com o processo de homogeneização das culturas, o qual traduz as realidades locais de acordo com as intenções do mercado globalizado, ou seja, apenas ao que equivale aos interesses e padrões capitalistas. Essa uniformização que leva a estereotipização da realidade dialoga com o conceito de cultura de massas e se expande para as comunicações de massa, como é o caso do cinema a ser analisado em questão. Dessa forma, a dissolução de ideologias está conectada aos processos de circulação de informações e de mídias, reduzindo o valor de determinada cultura para que se encaixe em produto de mercado.

Pensar em técnicas de informação é dialogar com o conceito, meio técnico-científico-informacional, concebido por Milton Santos, pois faz parte de como a sociedade se organiza no espaço. O autor apresenta a tirania da informação e do dinheiro em paralelo com os atores globais que dominam esses meios. Mesmo assim, pensando nas técnicas de informação ainda acredita na flexibilidade e adaptabilidade. Nas palavras de Santos (2000, p.174):

A grande mutação tecnológica é dada com a emergência das técnicas de informação, as quais – ao contrário das técnicas das máquinas – são constitucionalmente divisíveis, flexíveis e dóceis, adaptáveis a todos os meios e culturas, ainda que seu uso perverso atual seja subordinado a interesses dos grandes capitais. Mas, quando sua utilização for democratizada, essas técnicas doces estarão ao serviço do homem.

Em tom de resistência, Santos (2000) debate sobre a tomada de consciência, que é alcançada a partir da visão crítica e da noção de existência única e verdadeira. Logo, existe uma linha de raciocínio que permite compreender os limites da aceitação, reconhecendo o sistema perverso no qual o mundo é configurado e resistindo a ele.

Conforme atesta Santos (2000, p.116):

A informação mundializada permite a visão, mesmo em *flashes*, de ocorrências distantes. O conhecimento de outros lugares, mesmo superficial e incompleto, aguça a curiosidade. Ele é certamente um subproduto de uma informação geral enviesada, mas, se for, ajudado por um conhecimento sistêmico de acontecer global, autoriza a visão da história como uma situação e um processo, ambos críticos. Depois, o problema crucial é: como passar de uma situação crítica a uma visão crítica – e, em seguida, alcançar uma tomada de consciência.

O cinema é um recurso de comunicação que fornece essas “informações mundializadas” apontadas por Santos (2000), mas também é uma ferramenta que permite uma experiência de conexão com outras realidades, que posteriormente, geram a “curiosidade” mencionada pelo autor. Essas noções, quando acompanhadas de uma visão crítica, tendem a conduzir a consciência e a um novo olhar diante daquela representação, impedindo a completa alienação social. Diante disso, não se pode excluir totalmente a possibilidade de inserir esse recurso em sala de aula, mas é inegável que sem um pensamento crítico e uma análise cautelosa, as interpretações fílmicas podem vir a ser distorcidas e passivamente aceitas pelo espectador.

Na perspectiva folkcomunicacional, Thífani Postali (2011) revela as formas de comunicação em detrimento dos conceitos de resistência local, identidade e cultura. Para ela o processo de comunicação vai além de uma informação aceita por um receptor, podendo seguir uma lógica de oposição à informação recebida, que permite a estimulação de raciocínios. Isto é, não necessariamente, a informação comunicada deve ser aceita sem questionamentos. A autora considera que o cinema é um meio de comunicação de massa e um dos principais disseminadores de culturas diversificadas, apesar de ser um meio de comunicação que padroniza os produtos culturais. A passagem anterior permite a reflexão sobre os limites e as potencialidades que o cinema pode alcançar e de fato, esse “líder comunicador”, conceituado por Postali (2011), não se restringe a intenção de quem envia a informação, mas depende também, da forma como o receptor capta e interpreta a mensagem.

Sob essa lógica comunicativa intermediada pelo cinema, Name (2008) defende o estudo de uma geografia *pop*, tendo em vista que:

Negligenciar o estudo desta geografia *pop*, portanto, é deixar de perceber que o mundo de hoje é, como nunca antes, invadido e estruturado por imagens, sons e que o próprio planeta, com suas semelhanças e diferenças - geográficas, econômicas, culturais e sociais - é o objeto representado. Afinal a geografia é uma potente classificadora de diferenças e a partir de suas classificações abraçamos ou rejeitamos cada uma destas diferenças que se manifestam preponderantemente no espaço. (Name, 2008, p. 9, 13)

O cinema pode e deve ser encarado como um mediador cultural, levando em consideração que o conteúdo, muitas vezes, está conectado com o cotidiano das pessoas e como elas percebem a realidade. O mundo está em constante transformação, desde sua estrutura física e suas paisagens, até as relações socioespaciais, políticas e culturais. Assim, sob ótica geográfica, considera-se que é decodificando as formas de representações, comunicando por meio técnico e destrinchando informações que é possível compreender as (in)verdades que cercam o planeta. De acordo com Martín-Barbero (apud Postali, 2011, p.68):

O cinema é um mediador vital na constituição da experiência popular urbana, pois, para além de seu conteúdo reacionário e do esquematismo de sua forma, ele oferece uma sequência de imagens que mais do que argumento entrega gestos, rostos, modos de falar e caminhar, paisagens e cores.

Na perspectiva da educação, Castro (2012), trouxe reflexões importantes, evidenciando que as atividades transdisciplinares podem se constituir em estratégias enriquecedoras no ambiente escolar, já que a utilização dos filmes podem aproximar o cotidiano dos alunos nas escolas. Além disso, ele discorre sobre as potencialidades e fragilidades da abordagem da cultura no ensino da Geografia, baseando-se nos processos educacionais que estão presentes no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Em relação ao uso de filmes nas aulas de geografia, Castro (2012, p. 55) destaca:

O professor de Geografia deve ser um crítico dessa situação e não andar a reboque da mídia. Deve-se tentar ler nas entrelinhas dos filmes aspectos geopolíticos e culturais velados. A análise fílmica deve ser feita através de provocações que são relevantes, produtivas e evitem-se resumos e roteiros mecânicos [...]. O professor deve ficar atento para não fazer uma leitura dos diferentes grupos culturais do planeta a partir de uma visão de safári, promovendo-se uma espetacularização midiática da natureza [...]. É importante ressaltar que se deve promover debates e reflexões acerca da questão cultural, tanto em uma escala macro quanto na microescala.

Assim sendo, esse debate mostra, sobretudo, a relevância do professor de Geografia na inserção de filmes na sala de aula e na circunspeção de promover uma leitura geográfica e contextualizada, que permite um raciocínio analítico diante dos tendenciosos discursos hegemônicos que pode vir a ter. Napolitano (2011, p.40) discorre sobre o uso do cinema na Geografia e afirma que:

Filmes que tratam da representação da vida nas grandes cidades, dos problemas ambientais, do convívio entre etnias no mesmo país têm sido recorrentes no cinema atual [...]. A grande armadilha é aceitar a representação ideológica do outro sem críticas, pois isso acarreta, entre outras coisas, a simplificação de culturas e lugares que, na realidade, são diversos e complexos.

Considerando a análise dos filmes Rio e Rio 2 neste presente trabalho, é possível conceber a maneira como essas obras podem influenciar a maneira como crianças e/ou adolescentes percebem as regiões brasileiras que são representadas. A observação crítica em cima dos estereótipos é essencial para que os estudantes possam desenvolver o senso crítico, reconhecendo os elementos culturais e geográficos que são realmente coerentes com o mundo real. Nas obras, é viável conduzir a refletir sobre o que foi ocultado nas narrativas em questão, o que é uma visão exagerada em relação ao real ou o que foi romantizado no enredo. Os

detalhes são essenciais para uma análise substancial do cinema, pois este pode ser um recurso valioso em sala de aula, possibilitando ao aluno a ciência das suas experiências cotidianas.

No ensino de Geografia, além da teoria desenvolvida em aula, faz sentido valorizar a percepção do aluno e os processos cognitivos. Sobre a Geografia escolar, Pires e Cavalcanti (2020) ressaltam:

[...] para um aluno que nunca teve o contato visual direto, pessoalmente com aquele lugar, aquela paisagem, as imagens são imperativas para auxiliar na elaboração dos seus processos cognitivos de formação de conceito, envolvendo a abstração, generalização e internalização. Assim, os conteúdos ensinados podem ter como apoio as imagens, as quais contribuem na imaginação das crianças, na elaboração das suas representações mentais. Enfatizamos que evidenciar o potencial mediador das imagens não significa advogar a favor do uso exclusivo dos meios visuais, é inegável que os recursos imagéticos contribuem, porém, quando aliados a todo um conjunto de mediações (a palavra, o texto, o discurso do professor, etc.)

Sendo assim, a proposta cinematográfica é uma linguagem que, com toda mediação adequada, possibilita não só que a aula seja diferente do ensino tradicional, mas também, torna as práticas pedagógicas mais próximas da realidade do aluno. A leitura fílmica, bem como, a leitura de um livro, de um artigo ou de uma música, nem sempre são factíveis de aceitação pelos que lêem ou ouvem. Isso não torna a experiência ruim, porque é através dessa análise que a consciência desperta e a crítica é reforçada. Para tanto, existem sites que aceitam comentários e/ou resenhas dos espectadores sobre os filmes, por exemplo, contribuindo com o senso crítico daqueles que assistem.

De acordo com Zaniratti (2009, p.41):

[...] alguns desses sites é que eles aceitam a contribuição de espectadores comuns, que podem enviar comentários ou mesmo escreverem resenhas sobre filmes. Esses espaços estimulam fluxos de informação voltados para a reflexão do fazer cinema, ao mesmo tempo em que permitem a criação coletiva por meio da troca de informação de maneira (praticamente) não hierárquica.

Para consolidar este estudo, a partir deste ponto serão analisadas as possibilidades e contribuições pedagógicas dos filmes, Rio e Rio 2, direcionadas ao ensino da Geografia. Considera-se que esse enredo fílmico, não produzido nacionalmente, mas focalizado no Brasil, possa aproximar os alunos com a

realidade e estabelecer a noção de pertencimento, mas sem deixar de refletir sobre as diferenças e semelhanças com o que faz realmente parte da realidade brasileira.

2. ANÁLISE DO FILME: RIO

A escolha desta sequência fílmica se deve, principalmente, à análise de como o Brasil foi representado na tela através de uma produção do exterior e como isso pode ser debatido criticamente em um contexto de sala de aula. O primeiro filme da sequência, *Rio*, tenta representar a realidade brasileira, porém, de maneira superficial, considerando que a narrativa é centrada no estado do Rio de Janeiro e, portanto, possui um enfoque regional, limitando uma compreensão mais ampla do território em sua totalidade, reduzindo sua complexidade e diversidade a uma representação parcial. Esse retrato é, perceptivelmente, simplificado e, como é de se esperar, não cobre nem o próprio Rio de Janeiro em sua totalidade (Simão; Silva, 2020, p. 407)

O filme narra a história de uma ararinha-azul (macho de sua espécie) denominada Blu que vivia em uma floresta no Brasil. Ainda filhote, a ave é vítima do tráfico de aves silvestres, sendo levada para *Minnesota* (Estados Unidos), onde é encontrada e por conseguinte, domesticada por Linda. Anos depois, o ornitólogo brasileiro, chamado Túlio, se encontra com a ave e com Linda, buscando

convencê-los da importância da reprodução desta espécie a fim de impedir a extinção total dela. Como a outra ararinha-azul (fêmea de sua espécie), chamada Jade, estava no Rio de Janeiro, Blu e Linda se permitem viajar para o local em uma aventura.

Já nesse recorte inicial, é possível observar diversos temas importantes a serem levantados no escopo geográfico, como a questão da biopirataria e a necessidade de preservação ambiental e da biodiversidade, temática de responsabilidade social importante de ser estudada no campo da Geografia. Explorar as paisagens e os usos do espaço pela sociedade é uma temática importante de se trabalhar com o Ensino Fundamental, por exemplo. Para Lisboa e Razuck (2012, p. 4), é possível explorar tanto o campo da Ciência, direcionado a fauna e flora, quanto da Geografia, entendendo as diferenças das paisagens e as modificações que o próprio ser humano as condiciona. Para uma construção territorial, devem ser consideradas, segundo Haesbaert (2023, p. 5), as condições naturais, ecológicas e/ou ambientais, as quais se tornam indissociáveis.

A ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*), espécie que inspirou a criação do personagem Blu, é, de fato, uma espécie em extinção no Brasil, originária da região da Caatinga, de acordo com Corbari (2022, p.3). De um lado essa realidade se conecta com o risco de extinção representado no filme, mas em contrapartida, não há resquícios do bioma da Caatinga sendo mencionado na narrativa, o que possibilita interpretações equivocadas a respeito da origem da ararinha-azul. É por esses e muitos outros entraves, que um olhar crítico e intermediador deve surgir num contexto educativo.

A curiosidade e os sentidos humanos, como a própria observação, são capazes de enriquecer o estudo geográfico. Isto porque, conforme Claval (2007, p.50), o contexto permite que os geógrafos não negligenciem as dimensões culturais da realidade que observam. Ele ainda reforça que técnicas tornam-se excessivamente uniformes para prender atenção, logo, as representações negligenciadas até o momento, é que merecem ser estudadas.

Um professor da Geografia precisa lapidar seu conhecimento através do desafio de analisar de que forma uma ferramenta consegue representar a realidade, pode nos dizer mais ainda, o que ela tenta deliberadamente ocultar dos telespectadores. Partindo desse pressuposto, busca-se extrair do filme *Rio* elementos que permitam compreender qual perfil “carioca” é valorizado na narrativa

e qual é marginalizado, considerando que este último, no filme, está associado à favelização e à pobreza, bem como às práticas vinculadas ao tráfico. A produção desigual do espaço pode ser debatida em um contexto de sala de aula, onde os alunos devem explorar, com a contribuição de um professor, como o filme repassa essas abordagens.

Figura 1 - Pôster do filme *Rio* (2011)



Fonte: AdoroCinema. Imagem de divulgação do filme *Rio* (2011), dirigido por Carlos Saldanha

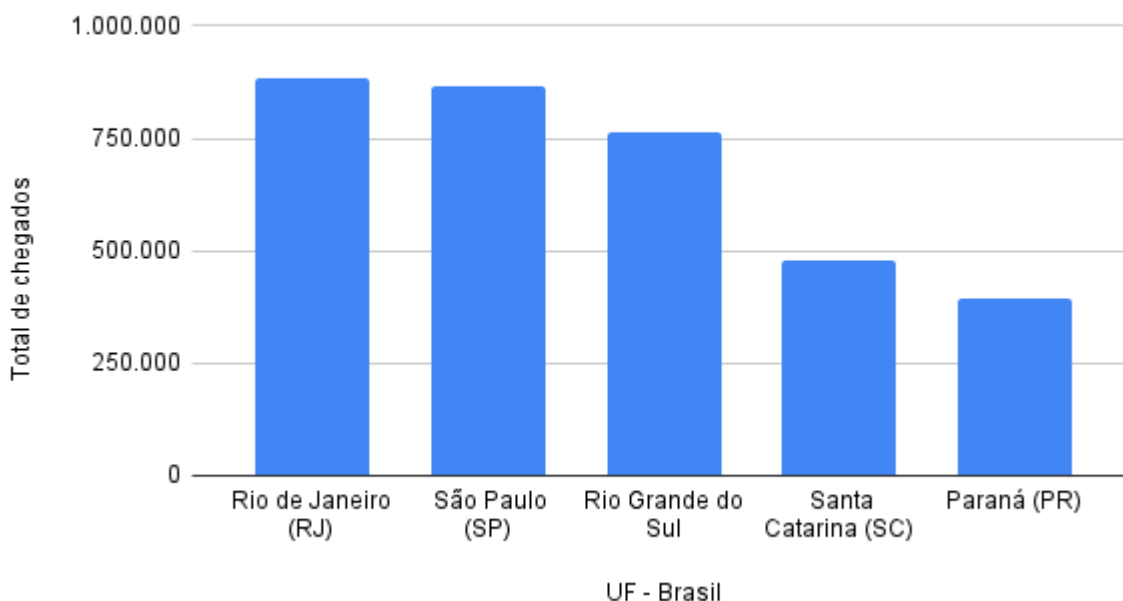
Disponível

em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-146550/fotos/detalhe/?cmediafile=19916340>. Acesso em: 24 abr. 2026.

O filme é atravessado pelos principais pontos turísticos da cidade, as paisagens atravessam as praias, o Pão de Açúcar, a Baía da Guanabara, o Cristo Redentor e outros “cartões-postais” que são destaque em receber visitantes. Ao longo de 2025, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur, 2026), desembarcaram no estado fluminense cerca de 2.196.443 turistas internacionais e comparando com o ano anterior o crescimento foi de 43,7%. A escolha da produção do filme em dedicar-se à apresentação do Rio de Janeiro não é neutra, é veementemente, uma estratégia atrativa de agradar e se adequar ao estrangeiro. A distribuição do fluxo de turistas internacionais que visitam o Brasil no ano de 2026 pode ser observada no Gráfico 1.

Gráfico 1: Principais portões de entrada no Brasil - 2026

Principais portões de entrada de turistas no Brasil - 2026



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados da Embratur (2026).

As dimensões espaciais vão ainda mais além, apresentando a comunidade, que evidencia os contrastes socioespaciais presentes na cidade. Nesse contexto, observa-se que as dinâmicas do espaço urbano não se limitam apenas aos “cartões-postais”, ampliando a visão para os diferentes segmentos que constroem a cidade, como a favela, que pode e deve ser visualizada como uma forma de resistência à exclusão territorial, pois

Aqueles que estão excluídos do território enquanto morada, local de reprodução e de sobrevivência (os “aglomerados humanos de exclusão”) a estes, sim, é que efetivamente deve-se dirigir o termo desterritorializados. É ali que, sem nenhuma dúvida, a desterritorialização se realiza em toda a perversidade. (Haesbaert, 2003, p.22)

Embora a obra fílmica tente representar a favela em alguns momentos, aproximando à imagem com as ocupações irregulares que existem, ainda sim, a leitura do território é rasa. Ao associar espaços marginalizados com práticas ilegais, como no caso do tráfico de aves, institui uma visão estereotipada desses espaços e de seus sujeitos, bem como, à carência socioeconômica e fragilidade social transmitida pelo personagem Fernando, que reside na favela sozinho e sem família. Condicionados pela desigualdade urbana, cabe lembrar que esses espaços vão

muito além dessas representações, marcados historicamente por relações de resistência, pertencimento e produção cultural. Dito isso, Corrêa (1989, p. 30) afirma que:

É na produção da favela, em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade.

Uma abordagem educativa precisa sustentar todo o arcabouço envolvido nesse processo de favelização, considerando que faz parte da pobreza estrutural globalizada, discutida por Santos (2000). Não é somente a formatação das residências irregulares que explicam esse fenômeno urbano. As respostas devem ser orientadas para a realidade dos moradores, considerando o acesso a serviços públicos, ao trabalho e as necessidades básicas, de modo a possibilitar a reflexão sobre como esses sujeitos resistem cotidianamente e sobrevivem ao sistema que os cercam. A exclusão atual e a produção de dívidas sociais, argumentadas por Santos (2000, p. 74) são submetidos a uma racionalidade sem razão, que controla as ações hegemônicas e arrasta as demais ações.

Figura 2 - Representação da favela no filme *Rio*



Fonte: Cena do filme Rio (2011), dirigido por Carlos Saldanha. Captura realizada por Stephani Machado de Oliveira (2026)

Mais do que isso, cabe questionar e analisar quem são essas pessoas, quem pertence ao grupo dos excluídos e quem pertence ao grupo daqueles que excluem e segregam os espaços. Haesbaert (2023, p.1) dita sobre a delimitação de um território como função de controle de fluxos, que proporciona sentimento de segurança e de identificação para quem está no seu interior, e de insegurança e medo para quem está do lado de fora e é impedido de acessar.

O carnaval é representado como um elemento da cultura brasileira que, embora reconhecido como expressão identitária, é frequentemente reforçado por meio de visões estereotipadas sobre o brasileiro, bem como o futebol, que também perpassa pelo filme. Não é que esses aspectos culturais não façam parte da realidade da região, mas o sujeito carioca não pode ser reduzido a isso, tampouco o conjunto da população brasileira. Em concordância, Simão e Silva (2020, p. 405) estendem seu posicionamento crítico para a identificação do Brasil como sendo cultura referenciada do sudeste. Os autores apresentam outro personagem, representado por uma ave, Zé Carioca, que contribuiu para a construção de uma representação nivelada, homogeneizando o brasileiro e o seu território há décadas atrás. Blu e Zé Carioca nascem de uma narrativa estadunidense e isso é um fator assertivo para sublinhar e discorrer a crítica sobre o filme. “A associação entre o

papagaio e a ararinha-azul, nesse sentido, é obrigatória” (Simão; Silva, 2020, p. 406).

O samba é o principal gênero musical utilizado no desenvolvimento do filme, conferindo para a animação um tom alegre e expressivamente carregado de sentimento. Para Claval (2007, p.67) a música, assim como o canto, aumentam o alcance da mensagem e sua carga de emoção. Sob essa perspectiva, a música atrai a atenção do público; todavia, o fato ignorado pela mídia é que o Brasil possui uma ampla diversidade de músicas, não se restringindo apenas ao samba. Pouco se comenta sobre os gêneros musicais que também fazem parte da história brasileira, como o choro, o forró, o frevo, a lambada e outros que passam despercebidos pelo o "olhar estrangeiro".

A mídia tenta, muitas vezes, camuflar a realidade. A aplicabilidade de elementos culturais que conduzem o filme, como a música centrada no samba, as diferentes paisagens que expressam história e significado, o carnaval revelando suas fantasias, devem ser analisadas cuidadosamente por um intermediador que possa ler as cenas de forma crítica e assim passar a mensagem do filme com segurança de que pode ser promissor como recurso de ensino.

Para Castro (2012, p.55):

O professor de Geografia deve ser um crítico dessa situação e não andar a reboque da mídia. Deve-se tentar ler nas entrelinhas dos filmes aspectos geopolíticos e culturais velados. A análise fílmica deve ser feita através de provocações que são relevantes, produtivas e evitem-se resumos e roteiros mecânicos

Ao examinar as cenas, um professor da área da Geografia pode e deve fazer a articulação entre a realidade e as suas representações pelo meio tecnológico. Os espaços possuem valor, sendo o espaço urbano capitalista vislumbrado com profundidade por Corrêa (1989, p.11), que a seu conceito coloca-o como fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campos de lutas. É como os alunos precisam perceber e ler as paisagens, seja no filme que tenta representar uma região de seu país ou seja no próprio espaço vivido.

No final do filme, as ararinhas, novamente capturadas para o mercado ilegal conseguem fugir e libertar as demais aves que também estavam sendo vítimas de tal prática. Cabe ressaltar que a crítica se dirige exclusivamente às mensagens e às formas de representação do povo brasileiro e do país presentes no filme. Não se faz

necessário analisar cenas com falta de seriedade, uma vez que se trata de uma animação voltada ao público infantojuvenil, que utiliza recursos lúdicos e humorísticos como parte de sua linguagem narrativa.

Entretanto, filtrando esses detalhes, o filme reúne diferentes mensagens e símbolos que “desenham” a visão do estrangeiro sobre o brasileiro e a partir dessa análise que se pode compreender as nuances sobre o que está sendo representado e o que é invisibilizado. A proposta de difundir uma imagem do Brasil e destacá-lo parece ser coerente. Contudo, deve-se questionar a ausência de outros elementos igualmente constitutivos da diversidade cultural do país.

3. ANÁLISE DO FILME: RIO 2

A sequência fílmica, *Rio 2* (2014) foi um sucesso, superando as vendas de bilheteria do primeiro filme. O filme faturou mais de 500 milhões de dólares, cinco vezes o seu orçamento (Lopes et al, 2017, p.380). Desta vez, o foco está na Amazônia, onde suas paisagens podem ser exploradas de forma a enriquecer o conhecimento sobre a região e sua diversidade faunística e florística.

Figura 3 - Pôster do filme *Rio 2* (2014)



Fonte: AdoroCinema. Imagem de divulgação do filme *Rio 2* (2014), dirigido por Carlos Saldanha. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-206727/fotos/foto/>. Acesso em: 30 abr. 2026.

A animação inicia-se ainda no Rio de Janeiro, com a comemoração da virada do ano, que resgata no imaginário as cenas de alegria e a festividade, inclusive na favela, onde os espaços aparecem iluminados e de forma categoricamente romantizada. A vestimenta branca para o Réveillon é uma escolha popular que, de modo geral, simboliza paz e renovação, mas sob um viés de tradição pode ser contextualizada com fortes raízes nas religiões de matriz africana, mas nem todos

têm esse conhecimento. Com a pluralidade e laicidade do país, o filme pode mostrar aos estudantes que existe uma ampla diversidade religiosa no país.

Assim como no primeiro filme, a sequência resgata o ritmo do samba e as menções ao carnaval em diversos momentos, embora o foco do filme esteja alinhado à Amazônia. Na continuação da animação, as aves Blu e Jade tiveram 3 filhotes e os humanos Linda e Túlio também se tornaram um casal. Como forma de devolver uma ave ao seu habitat natural, o casal de humanos Linda e Túlio partem em direção ao coração da Amazônia. Após rastrear a movimentação de outras ararinhas-azuis, espécie considerada em risco de extinção, a descoberta é divulgada pelo noticiário.

Como já mencionado no capítulo anterior a ararinha-azul é uma espécie nativa da Caatinga e não da Amazônia, esse detalhe equivocados, com insipiência permite que o público possa se tornar refém de uma informação inverídica. Dito isso, o papel de um professor que detém esse conhecimento e se prepara para a apresentação do filme torna-se fundamental.

Blu e sua família, a desejo de Jade, decidem viajar até a Amazônia, com um GPS defeituoso que possibilita o cruzamento com outras regiões. No percurso, tanto dos humanos, quanto das aves, observa-se o aproveitamento em apresentar diferentes paisagens. A trajetória de voo das ararinhas, tenta demonstrar, mesmo que de forma rasa, outros locais do Brasil, como Ouro Preto (MG), Brasília (DF), Salvador (BA) e por último, Manaus (AM).

No personagem Blu são trabalhadas questões relacionadas ao pertencimento e à identidade territorial, uma vez que sua adaptação à vida na floresta Amazônica não ocorre de maneira fácil. Domesticado por Linda desde o primeiro filme, Blu demonstra dificuldades em se inserir no novo território e em conviver com as demais ararinhas na Amazônia, inclusive as que pertencem à família de Jade, como o seu pai. O pai de Jade possui um comportamento relutante em aceitar um integrante que vive fora daquele ambiente e que possui costumes distintos, como o Blu.

A narrativa coloca em evidência conflitos ligados à aceitação, ao sentimento de não pertencimento e ao “choque cultural”. A antropomorfização presente na animação aproxima essas experiências da realidade humana, permitindo interpretações sobre processos de adaptação social, identidade e construção de vínculos com o território. Essa ideia de pertencimento e território pode ser

apresentada em sala de aula, de forma a levantar apontamentos essenciais sobre identidade cultural e relações socioespaciais.

Outra questão relevante está na forma como os personagens, mesmo sendo animais antropomorfizados, reproduzem percepções humanas sobre a Amazônia. Em diversos momentos do filme, a região é caracterizada como um lugar “selvagem”, com animais peçonhentos, como a cobra, e peixes predadores, como a piranha. Para Paul Claval a cultura exerce influência sobre como os indivíduos percebem e representam os espaços geográficos. Com base nisso, a análise deve se estender para além dos personagens, considerando que existe uma intencionalidade por trás dos diálogos, das representações e da construção narrativa elaborada pelos roteiristas. Dessa forma, o filme não deve ser compreendido apenas como entretenimento, mas também como uma produção cultural capaz de transmitir as visões de mundo e estereótipos sobre os espaços e sujeitos.

“Cada cultura estabeleceu códigos que lhe são próprios. Passar de um a outro implica um aprendizado ou a intervenção de intermediários que assegurem a tradução. Isto coloca o problema das relações transculturais” (Claval, 2007, p.66)

No entanto, a região Amazônica tem muito mais a oferecer. Além de sua rica biodiversidade e de abrigar a maior bacia hidrográfica do planeta, a região pode ser explorada de maneira a valorizar suas riquezas naturais sem se limitar apenas a elas, ampliando a abordagem para os modos de vida das comunidades locais, seus costumes, tradições e formas de relação com o espaço. Mas o filme também apresenta um aspecto interessante ao retratar o fenômeno do encontro das águas entre os rios Negro e Solimões, destacando um elemento marcante e singular da paisagem amazônica.

Entre os aspectos retratados na narrativa para reflexão, principalmente como temática a ser discutida em sala de aula, está o desmatamento, que no filme é apresentado como consequência das ações da indústria madeireira. Nessa segunda obra fílmica, o filme evidencia essa questão e contribui para a compreensão da existência da violência neste ramo, que muitas vezes, é baseado na ilegalidade e exploração desenfreada dos recursos naturais. Um estudo nesse campo pode se estender ao contexto histórico, social e econômico. Assim como no filme, de fato, o desmatamento ocorre, mas é importante direcionar aos principais responsáveis desse problema. Margulis (2003, p.14) dita sobre as evidências sobre os

desmatamentos e uso do solo da Amazônia, onde é demonstrado que a pecuária é a principal atividade econômica responsável pelos desmatamentos, dentre eles estão os médios e grandes pecuaristas, fato não evidenciado no filme, mas que poderia ser inserido nas discussões da aula de Geografia.

Figura 4 - Representação do desmatamento na Amazônia pelo filme *Rio 2*



Fonte: Cena do filme Rio 2 (2014), dirigido por Carlos Saldanha. Captura realizada por Stephani Machado de Oliveira (2026)

Apresentar esse cenário de exploração é fundamental, porém, espera-se que essa discussão seja mais aprofundada ao longo do enredo. O foco da narrativa acaba se deslocando por vezes para o retorno do vilão do primeiro filme, Nigel, uma cacatua antagonista que se aliava aos praticantes de biopirataria. Dessa forma, o filme deixa de explorar com maior profundidade questões relevantes relacionadas ao desmatamento, à exploração ambiental e aos impactos socioambientais presentes na região Amazônica. Santos (2024) dita:

Ao integrar a educação ambiental e o ensino de geografia, busca-se formar cidadãos conscientes, informados e comprometidos, capazes de contribuir para a construção de sociedades mais responsáveis e resilientes diante dos desafios ambientais globais [...]. Essa forma de pensar a relação educação ambiental e o ensino de geografia, atravessa nossa pesquisa, que também podemos denominar de educação ambiental crítica, onde a educação integra princípios reflexivos em todos os aspectos do aprendizado, desde o currículo até a gestão escolar e as práticas diárias da escola. As preocupações com a dimensão da educação ambiental crítica chegam a várias instâncias, inclusive na escala mundial.

O repertório envolto por elementos culturais, dinâmicas espaciais, históricas e econômicas na Amazônia é significativo, mas a trajetória fílmica é limitada. Isto é, presa dentro dos limites do que globalmente a Amazônia é caracterizada. A comunidade ribeirinha local, os pescadores, as comunidades quilombolas e as populações originárias não são contemplados no filme, assim como assuntos sobre os saberes tradicionais do local e as desigualdades no acesso a políticas públicas. Ao dar prioridade para a visão estereotipada da Amazônia e reduzir a aparição daqueles que formam a identidade cultural do território, a narrativa acaba por enfraquecer a diversidade, história e costumes locais.

Para Haesbaert (2003, p.17):

Por fim, numa leitura de território que dá ênfase à dimensão cultural, temos a desterritorialização vinculada ao desenraizamento e ao enfraquecimento das identidades territoriais. Aqui, o território pode adquirir uma conotação culturalista e, muitas vezes, pode se confundir com o conceito de lugar visto basicamente como estratégia de identificação cultural, referência simbólica que, sob a desterritorialização, perde sentido e se transforma em um "não-lugar" (AUGE,1992) ou em uma rede (como no "espaço de fluxos" contraposto ao "espaço dos lugares", em CASTELLS 1996).

Território, portanto, não é apenas o espaço físico. O próprio folclore, que integra a narrativa histórica local, não foi amplamente abordado, tendo apenas uma participação pontual do boto-cor-de-rosa em uma cena. A Amazônia, por exemplo, costuma ser restringida à exuberância de sua paisagem, aos aspectos folclóricos e os sujeitos ou são inferiorizados ou quase não têm destaque (Lopes; Nogueira; Baptista, 2017, p. 379).

O filme encerra com as aves enfrentando os madeireiros e transmitindo uma mensagem sobre a importância da preservação ambiental e do combate ao desmatamento. Todavia, trata-se de uma resolução presente apenas no imaginário cinematográfico, o que amplia a reflexão sobre quem, na realidade, protege a floresta Amazônica em cenários como esse, já que não existem "aves salvadoras" fora da ficção.

A própria Base Nacional Comum Curricular contempla essa abordagem de educação ambiental e o filme pode contribuir para a inserção dessa temática nas aulas, especialmente por se tratar de um problema recorrente. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular destaca:

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência,

incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global [...]. Entre esses temas, destacam-se [...] educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/201218). (BRASIL, 2018, p. 19).

Além do cinema possuir potencial educativo enquanto ferramenta de apoio, não se pode abster-se de realizar uma leitura crítica das produções fílmicas. E essa visão crítica não deve ser resgatada apenas em um cenário educativo e formalizado, ela pode ser trabalhada também com a sociedade como um todo, a fim de evitar processos de alienação diante dos estereótipos, das simplificações culturais e das representações distorcidas dos espaços geográficos e das realidades sociais.

Rio 2, mesmo com a mudança do cenário do Rio de Janeiro para a Amazônia, continua recorrendo a símbolos amplamente associados ao Brasil, como o samba, o futebol e o carnaval. Tal repetição evidencia a permanência de um imaginário cultural padronizado sobre o país, frequentemente simplificado para atender a presunção internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema é uma ferramenta capaz de transmitir as mais diferentes mensagens para os mais diversos públicos, mesmo assim, não se pode interpretá-lo como autor da verdade. Por esse motivo, a contestação torna-se essencial diante das narrativas cinematográficas e o ato de analisar criticamente um filme, seja qual for, não só é permitido como também necessário.

A escolha dos filmes Rio e Rio 2 se deve, principalmente, por serem animações que buscam representar a realidade do Brasil e é assim que podemos refletir sobre como o Brasil é percebido, espacialmente e culturalmente, pelo mundo afora. A visão limitada contribui para a aceitação de uma postura negligente em relação à própria forma de se enxergar como brasileiro, dificultando a compreensão da história e de toda a diversidade que o país possui. São essas representações que possibilitam a abertura de discussões sobre território, cultura, identidade, paisagem e outros temas essenciais da Geografia, os quais podem ser explorados no ensino e nas aulas da disciplina. Os dois filmes representam o Brasil, mas, para além disso, aproximam os estudantes de uma realidade com a qual podem se identificar e questionar se aquilo realmente condiz com a verdade, o que está oculto, o que aparenta ser semelhante, o que foi proposto de forma exagerada e o que representa uma visão reducionista sobre o que é ser brasileiro. Esses filmes passaram a existir porque o Brasil existe, e onde há representação, também existe a crítica.

A pesquisa demonstra que inevitavelmente há influência de estereótipos traduzidos pelo capitalismo e suas ramificações no mundo de hoje, especialmente pela indústria midiática e os meios de comunicação. Entretanto, é por esse caminho, tão influente, que é possível questionar toda a “fantasia” intencionalmente apresentada por uma produção audiovisual e encontrar uma nova perspectiva para tudo aquilo que se assiste, se reproduz e se expande socialmente.

E, ao aproximar essa discussão da educação, percebe-se a importância de estimular nos estudantes a curiosidade, o questionamento e a análise crítica sobre aquilo que é apresentado nas produções audiovisuais, seja em relação ao Brasil ou à forma como vemos e interpretamos os espaços, podendo ser as diferentes regiões, cidades e até mesmo outros países.

Dessa forma, compreende-se que o uso do cinema no contexto de ensino-aprendizagem pode representar uma importante alternativa pedagógica para o campo da Geografia, aproximando os estudantes da própria realidade e possibilitando a presença de debates relacionados ao território, à cultura, à identidade e às diferentes formas de representação do espaço. Logo, os filmes Rio e Rio 2 demonstram como as produções audiovisuais podem contribuir para despertar a curiosidade, incentivar o pensamento crítico e ampliar as reflexões sobre a maneira como o Brasil é visto e representado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rogério Bianchi de. Alteridade e conhecimento na linguagem do cinema. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 6, n. 1, p. 33-50, 2010. DOI: 10.5216/rpp.v6i1.10837. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10837>. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Tecnologias digitais da informação e comunicação no contexto escolar: possibilidades**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>. Acesso em: 24 out. 2025.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [BNCC oficial](#). Acesso em: 18 maio 2026.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 4, n. 1, p. 01-22, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/216/177>. Acesso em: 17 jun. 2025

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CASTRO, Janio Roque Barros de. A geografia cultural nos espaços educacionais: uma abordagem propositiva. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. Curitiba: CRV, 2012. p. 51–64.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira; FREITAS, Glauber Magalhães de. Os filmes como instrumento didático-pedagógico para o ensino de Geografia = Films as a didactic-pedagogical instrument for the teaching of Geography. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 23, e43, 2019. DOI: 10.5902/2236499437765. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/37765>. Acesso em: 24 out. 2025.

CITELLI, Adílson Odair. Estratégias de resistência à mídia hegemônica. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 10, n. 1, p. 71–73, 2005. Disponível em: [DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v10i1p71-73](https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/37511). Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/37511>.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CORBARI, Sandra Dalila. A raridade no contexto da observação de aves: o caso da ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*) e os desafios futuros. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, [S. l.], v. 15, n. 3, 2022. DOI: 10.34024/rbecotur.2022.v15.13653. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/13653>. Acesso em: 24 abr. 2026.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COUSIN, Marcelo. Janela para o mundo: o cinema como ponte entre lugares reais e imaginários. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. Curitiba: CRV, 2012. p. 67–77.

DOS SANTOS, Clezio. EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: por uma cidadania planetária. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 46, 2024. DOI: 10.12957/geouerj.2024.87193. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/87193>. Acesso em: 19 maio. 2026.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2007. *E-book*. Disponível em: <https://leitor.bvirtual.com.br>. Acesso em: 03 mar. 2026.

EMBRATUR. Dadosfera: informativo de inteligência de dados do turismo internacional. 2026. Disponível em: <https://embratur.com.br>. Acesso em: 26 abr. 2026.

EMBRATUR. Pela primeira vez na história, Rio de Janeiro recebe 2,1 milhões de turistas estrangeiros. 6 jan. 2026. Disponível em: <https://embratur.com.br/2026/01/06/pela-primeira-vez-na-historia-rio-de-janeiro-recebe-21-milhoes-de-turistas-estrangeiros/>. Acesso em: 26 abr. 2026

FERNANDES, João Victor Ferreira; SANTOS, Railma Aparecida; FERREIRA, Renata Santos; ALVES, Rahyan de Carvalho. Recursos tecnológicos na educação: uma transposição significativa para o ensino de Geografia. **Geofronter**, Campo Grande, v. 9, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/7586>. Acesso em: 17 mar. 2026

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. ISBN 85-219-0243-3

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 29, p. 11–24, jan. 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739/26249>. Acesso em: 25 abr. 2026.

HAESBAERT, Rogério. **Território**. GEOgraphia, Niterói, v. 25, n. 55, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2023.v25i55.a61073> Acesso em: 25 abr. 2026.

JESUS, Jhennifer Mariano de. **A indústria cultural no mercado cinematográfico: Um Plot Twist pela Geografia**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/21893>.

LEITE, João Paulo Angelo; SÁ, Leonardo Nogueira de; FILHO, Gilson Brandão da Rocha. **A importância do ensino da geografia em sala de aula: um olhar sobre a valorização da prática docente e a aprendizagem**. In: VII COINTER – Congresso Internacional das Licenciaturas – PDVL, 2020, Recife. Perspectivas da formação de professores na Sociedade 5.0: Educação, Ciência, Tecnologia e Amor. Recife: Instituto IIDV, 2020. p. 1-12. DOI:10.31692/978-65-88970-05-8.

LISBOA, Iara Alves; RAZUCK, Renata Cardoso de Sá Ribeiro. Uso do desenho animado como recurso didático – filme Rio. In: **Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO)**, 4., 2012, Goiânia. Anais do IV ENEBIO e II EREBIO Regional 4. Goiânia: SBEnBio, 2012. Disponível em: https://www.sbenbio.org.br/publicacoes/anais/IV_Enebio/3544.pdf. Acesso em: 25 abr. 2026.

LOPES, Rafael de Figueiredo; NOGUEIRA, Wilson de Souza; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Imaginário, cinema e turismo: uma viagem por clichês culturais associados ao Brasil, no filme Rio 2**. *Rosa dos Ventos*, Caxias do Sul, v. 9, n. 3, p. 377-388, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473552033016> DOI: <https://doi.org/10.18226/21789061.v9i3p377>. Acesso em: 26 abr. 2026.

MARGULIS, Sergio. *Causas do desmatamento da Amazônia brasileira*. Washington, D.C.: World Bank, 2003. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/867711468743950302/pdf/277150PAPER0Po1az1nia0Brasileira111.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2026.

NAME, Leonardo. **Por uma geografia pop: personagens geográficos e a contraposição de espaços no cinema**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/313820/_2008_Por_uma_geografia_pop_personagens_geogr%C3%A1ficos_e_a_contraposi%C3%A7%C3%A3o_de_esp%C3%A7os_no_cinema

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, Alexandre Aldo. Geografias de Cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico. **ENTRE-LUGAR**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 133–156, 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/article/view/617>. Acesso em: 21 out. 2025.

PIRES, Mateus Marchesan; CAVALCANTI, Lana de Souza. A imagem e seus aportes ao desenvolvimento do pensamento e das funções mentais no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 381–402, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i19.749. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/749>. Acesso em: 3 mar. 2026.

POSTALI, Thífani. Blues e Hip Hop: uma perspectiva folkcomunicação. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

RAUBER, Joaquim. **Uma proposta de ensino de Geografia cultural: a utilização das TICs nos processos de ensino-aprendizagem**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 1., 2014, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: AGB, 2014. Disponível em: https://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1407204589_ARQUIVO_EDP-JO_AQUIMRAUBER.pdf. Acesso em: 24 out. 2025.

RIO. Direção: Carlos Saldanha. EUA: 20th Century Fox, 2011. Filme (1h36min).

RIO 2. Direção: Carlos Saldanha. EUA: 20th Century Fox, 2014. Filme (1h41min).

ROCHA, Heder Leandro; MONTOVANI, João Carlos; COSTA, Marlene Chagas da. Assistindo a Geografia: o uso de filmes como ferramenta didática para o ensino geográfico. Geografia. **Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 157–166, 2017. DOI: 10.5902/2236499421342. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/21342>. Acesso em: 3 mar. 2026.

SACRAMENTO, Igor. **O feminino e a cultura do corpo carioca: imagens fotográficas da garota de ipanema (1965)**. Fotograficamente Rio, a cidade e seus temas, p. 233, 2016.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Claudio Gomes da. A importância do uso das TICs na educação. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 03, Ed. 08, Vol. 16, p. 49-59, ago. 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/1dd1/dea609812a264d63a208242fe82463e34835.pdf>. Acesso em: 24 out. 2025.

SIMÃO, Diogo; SILVA, Júlio Cezar Marques da. Cinema em aula de língua estrangeira: um estudo a partir das representações de brasilidade no filme Rio. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 8, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2186>. Acesso em: 25 abr. 2026.

ZANIRATTI, Cynthia. **Informação, fluxos e filmes: as redes sociais e a distribuição do cinema brasileiro**. 2009. 188 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstreams/9b975e9a-f196-4a47-9533-bb2c81b97712/download>. Acesso em: 28 out. 2025.